

5 CONCLUSÃO: EM BUSCA DE UMA CONCEPÇÃO QUALITATIVA DE TEMPO

(...) A cidade há de seguir-te. As ruas por onde andares serão as mesmas. Os mesmos os bairros, os andares das casas onde irão encanecer os teus cabelos. A esta cidade sempre chegarás.

Kaváfis, s/d, p. 112

A abordagem histórica da homossexualidade masculina encontra na concepção do tempo-sucessão uma imagem que parece corresponder à natureza dos acontecimentos próprios de uma experiência. No entanto, ao modelo de uma história linear opõem-se perspectivas filosóficas que sustentam historiografias críticas, ou seja, metodologias de investigação histórica que submetem a noção de tempo linear a uma reflexão consistente.

O tempo linear e evolutivo é alvo de críticas já no pensamento de Nietzsche, inspirador de posições teóricas assumidas tanto por Walter Benjamin quanto por Michel Foucault a partir de problemas conceituais diferentes. A consideração da importância da história para a vida é a principal base do estudo de Nietzsche sobre a ambição de tornar a história uma ciência, sustentada na necessidade de estabelecer o “passado” como modelo para o “presente” e de compreender o “presente” como continuidade necessária do passado ou mesmo de julgar a legitimidade do “passado” diante das características do “presente”. Nietzsche procurou estabelecer três imagens do tempo histórico que deveriam ser problematizadas: a história como reminiscência, a história como crítica e a história como estudo da origem.

Suspendendo – ou suspeitando – das discussões empreendidas no século XIX acerca da história pela intelectualidade europeia, o autor afirma a legitimidade do conhecimento histórico como impulso para a vida, como instrumento de potencialização da vida. Trabalhando sob o registro da necessidade do esquecimento, há uma aposta na diferenciação teórica entre uma memória que se apraz em buscar no longínquo as condições necessárias do tempo presente e um esquecimento potente que se dirige às interrogações colocadas pela vida. No entanto como o homem sofre, como o homem preocupa-se com a

definição de felicidade, não se pode eliminar de forma absoluta a história do espectro do pensamento.

Friederich Nietzsche (2005) afirma em sua Segunda Consideração Intempestiva, as seguintes perspectivas sobre a noção de história:

A história (Geschichte), concebida como ciência pura e soberana, seria para a humanidade uma espécie de conclusão e balanço da existência. A cultura histórica só é salutar e portadora do futuro na esteira de uma nova e poderosa corrente de vida, como elemento, por exemplo, de uma cultura nascente, quer dizer, unicamente quando ela é dominada e dirigida por uma força superior e não exerça ela mesma esta função diretora. (p. 81)

Como se depreende da citação anterior, o autor faz uma crítica à cultura historicista do século XIX que acabou envenenando a compreensão do tempo presente, ao minimizar os seus feitos, rebaixando os acontecimentos a uma pura continuidade, impedindo mesmo, no caso da consideração de um indivíduo, a possibilidade de apreensão do “instante”, pois ele estaria já impregnado de passado. Paradoxalmente, a consideração das coisas em seu *devir* impediria que o indivíduo, ou a cultura, conseguissem identificar a consistência de si mesmos. Portanto há uma *necessidade* de história, mas regulada pelos interesses dos homens de ação ou mesmo pelos interesses da vida. Como prossegue o autor em sua reflexão:

“Quanto a saber até que ponto a vida tem necessidade dos préstimos da história, esta é uma das questões e das inquietações mais graves que concernem à saúde de um indivíduo, de um povo ou de uma cultura.” (Nietzsche, idem, p. 82). Tradicionalmente, afirma o autor, a história interessa aos seres vivos, pois os mesmos “agem e perseguem um fim”, “conservam e veneram o que foi” e, além disso, “sofrem e têm necessidade de libertação”.

Essa duplicidade da condição da história para a existência humana é refletida no texto do autor sobre a utilidade da história para a vida. Michel Foucault apoiou-se nessa reflexão para erigir uma forma de compreensão histórica que fosse operatória para o presente, ou seja, que garantisse que o historiador do presente se descolasse das identidades fatalistas a que se via submetido, como aquelas instituídas a partir dos regimes morais que se preocuparam com o tema da sexualidade moderna. O historiador do presente compreende a “necessidade” dos tempos históricos anteriores, mas nega-lhes uma permanência de onde não se pode deslocar. Evidentemente que estudar genealogicamente o que nos tornamos

significa potencializar e reconhecer saídas para o enfrentamento do peso histórico de nossa própria época. Estudar a Antiguidade grega e latina em sua própria obra permitiu a Michel Foucault resgatar as diferenças entre as mesmas e a própria atualidade, ao mesmo tempo em que garantiu o reconhecimento do presente, imbuído de um sentido histórico que não encerra a historicidade em um plano idealizado e continuísta. O pensamento de Foucault foi contemporâneo de metodologias históricas que, efetivamente, reinventaram a concepção de passado e de tempo histórico. Numa querela de indagações e objetos de investigação, pode-se identificar linhagens de estudiosos que problematizaram o estatuto da ciência histórica. Dentre as mesmas, pode-se identificar o trabalho seminal da *Escola dos Annales*, a chamada história nova e a citada micro-história. Novos objetos de investigação surgiram no campo de estudos da história, como os sentimentos, a relação com o corpo, a infância, a morte, a valorização de aspectos minoritários da história de uma nação, a reflexão sobre memórias sem a mediação de historiadores (Duby, 1989) ou ainda a profusão de temas metodológicos surgidos a partir da indagação sobre problemas recentes.

Temas metodológicos novos impuseram-se, como a relação entre antropologia e história, a noção de estrutura, os riscos e as possibilidades de uma história imediata (Lacouture, 1988), a história dos marginais e a história do imaginário. Tem-se a impressão de uma distensão do campo da história que passa a sustentar-se na profusão de temas ignorados pelos métodos tradicionais de trabalho do historiador. A obra de Michel Foucault mantém uma relativa autonomia em relação aos trabalhos citados, por ser opção filosófica pela própria ascese do estudioso ao indagar-se sobre a natureza do tempo histórico e, principalmente, pela “natureza” do presente ou da atualidade.

Sem tornar-se um historiador profissional, Foucault inaugura a genealogia do sujeito moderno sem abdicar de um modo de percepção próprio, qual seja, a necessidade de identificar no “presente” os instrumentos para uma relação positiva com a vida. Assim, pode-se compreender a estrutura ensaística dos seus textos finais em que convivem temas sugeridos pela moderna psiquiatria das perversões sexuais e os textos menores ou já célebres da tradição filosófica antiga pontuados pela preocupação moral com a formação do homem livre e com a indagação sobre a natureza das paixões. Enquanto nas culturas modernas percebe-se a emergência de uma fixidez das identidades sexuais, em textos

filosóficos e em correspondências trocadas entre homens livres na Antiguidade grega e na Época Imperial – que inaugura nossa Era – recolhe-se a construção de temas éticos que não se ancoravam na delimitação de identidades psicológicas a partir de práticas corporais distintas.

O que seria, então, a homossexualidade masculina para Michel Foucault? Na sua ambiciosa e efetiva genealogia do sujeito do conhecimento ocidental, trata-se de uma configuração estável que se alinha à tradição médica entre os séculos XVIII e XIX na Europa ocidental; essa forma hegemônica de prática discursiva garantiu, junto com outras importantes práticas, uma substancialização do sujeito do desejo, a partir de uma série de condições históricas precisas. A proveniência do sujeito do desejo moderno reenvia o historiador aos regimes morais antigos, tanto no sentido crítico quanto na necessidade de identificar uma possível “origem” de tal subjetividade. Mas “origem” aqui não quer dizer emergência de uma forma de experienciar a si mesmo idêntica em todo o curso do tempo histórico ocidental. “Origem” não é o começo absoluto de algo que se desenrola no tempo linear, sofrendo apenas as modificações dos regimes morais e dos controles sociais que seriam estrangeiros ao que se moraliza e controla-se.

Conceder a um acontecimento o estatuto de “origem” significa que a partir dele – contra ele, submetendo-se a ele, superando-o – a história de uma cultura encontra um ponto nodal que inaugura uma temporalidade distinta da anterior. Uma economia discursiva sobre o sexo, por exemplo, inaugura personagens novos que são incorporados pelas práticas cotidianas, as quais se constituem dialogicamente em relação aos sistemas de saber/poder institucionalizados. A composição de personagens, a emergência de sentimentos, a alegria devotada a uma sensação, a temperança qualificada como liberdade, a intensidade perseguida como fonte de legitimidade, a pesquisa acurada das fontes pessoais de uma forma de desejo não são elementos que se sucedem vulgarmente no curso de uma narrativa histórica. Em seu bojo, há conflitos, palavras e contra-palavras, silêncios e provisórias submissões, invenções de desejos e maximizações de superfícies de experimentação de si mesmo. A história, na compreensão do autor, deveria abrigar a intensidade das lutas erigidas em torno do corpo e da experiência, resgatando o caráter de “acontecimento” do que se deu *historicamente*.

Dessa forma, a problematização do saber histórico no pensamento foucaultiano foi uma das bases da reflexão atual, já que na mesma o autor sugere a necessidade de uma interpelação do presente histórico a partir de uma inteligibilidade própria, em que os outros tempos históricos se encontram articulados de forma distinta dos modelos canônicos de historiografia, se é levado em consideração o passado. Os estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade incorporaram a concepção crítica do pensamento de Nietzsche sobre a possibilidade de instauração de uma ciência histórica. Tais inspirações foram fundamentais ao trabalho atual, já que o mesmo não se dirigiu a uma argumentação cronológica sobre as práticas entre homens no corpo da cidade, mas a uma percepção sensível da experiência entre homens no corpo da cidade.

O corpo da cidade, em sua materialidade histórico-política, abriga e potencializa formas de relação entre homens. As hierarquias econômicas, sociais e políticas são tragadas pela materialidade da cidade e dialogam com as práticas coletivas que se instauram cotidianamente em seus nichos. E, mais do que isso, a experiência homossexual – considerada dessa forma devido ao seu caráter histórico, transitório, coletivo e político – é um dos modos de existência que podem auxiliar na compreensão do atual momento histórico, pois reflete e refrata as *heteronomias* da realidade social que se vive. A fruição da individualidade, a privatização das existências e a “criminalização” dos espaços públicos foram permanentemente citadas pela transição do *flanêur* pelo corpo da cidade visitada e comentada no presente texto. O discurso psicológico, atualmente, tem encontrado importantes fontes para suas argumentações, devido à tendência hegemônica de tradução de problemas sistêmicos enquanto “questões” meramente individuais. Essa tradução pode ser percebida em diferentes aspectos da existência humana contemporânea e as sociabilidades empreendidas entre homens que se relacionam com homens não estão isentas desse caráter problemático do tempo atual. É o que se pode apreender da reflexão do sociólogo Zygmunt Bauman (2005) em um texto em que se dedica a compreender a vivência ansiosa da incerteza nas sociedades contemporâneas, célebres por terem se tornado produtoras efetivas de “refugo humano”, de “existências redundantes” e de necessitarem continuamente da produção do lixo para que se justifique a produção da novidade. Nas palavras do próprio autor,

As instituições do “Estado de bem-estar” são desmanteladas aos poucos e ficam defasadas, enquanto restrições antes impostas às atividades comerciais e ao livre jogo da competição de mercado e suas consequências são removidas. As funções protetoras do Estado se reduzem para atingir uma pequena minoria dos não-empregáveis e dos inválidos, embora até mesmo essa minoria tenda a ser reclassificada e passar de um assunto do serviço social para uma questão de lei e ordem – a incapacidade de participar do mercado tende a ser cada vez mais criminalizada. O Estado lava as mãos à vulnerabilidade e à incerteza provenientes da lógica (ou da ilogicidade) do mercado livre, agora redefinida como assunto privado, questão que os indivíduos devem tratar e enfrentar com os recursos de suas posses particulares. Como sustenta Ulrich Beck, agora se espera dos indivíduos que procurem soluções biográficas para contradições sistêmicas. (Bauman, 2005, p. 67)

Ao sugerir uma reflexão sobre a crise do Estado de bem-estar social, Bauman (idem) busca explicar a sensação de desamparo vivida pelos indivíduos em sociedades contemporâneas. O estudo do autor permite que se compreenda a força dos discursos psicologizantes nas sociedades atuais, pois os mesmos, através de competentes redes de comunicação social, individualizam e patologizam questões inicialmente sistêmicas, ou seja, que dizem respeito à característica atual dos modos de produção. Em termos históricos, sabe-se que a intensa valorização das vivências individuais é uma forma hegemônica de se situar num mundo submetido aos interesses econômicos de minorias privilegiadas. Em relação à experiência homossexual masculina, o *flanêur* recolheu imagens de consumismo e de exacerbação do culto do indivíduo, ao mesmo tempo em que percebeu uma retração dos movimentos coletivos de ocupação da cidade. Mesmo assim, foi importante perceber que as situações de festa e de confraternização conseguiram reunir individualidades que se contradizem, o que pôde sugerir a produção de uma “fantasmagoria” em termos de movimentos sociais. Ou seja, uma transição “chocante” dos modelos usuais de resposta coletiva aos problemas sociais ou de lutas por emancipação para práticas difusas, impregnadas de – mas não reduzidas às – referências do consumismo contemporâneo. Trata-se de uma fantasmagoria, pois a politização das vivências individuais e das práticas corporais não encontram mais nos encaminhamentos canônicos suas formas principais de expressão.

O problema estudado pela sociologia de Bauman foi investigado através de uma reflexão proposta pela densa obra de Walter Benjamin em relação à modernidade. A necessidade de compreender a história e a historicidade das práticas humanas a partir da modernidade é o tônus da obra que endereça novos questionamentos à tradição filosófica ocidental. Essa modalidade de pensamento

informou o “passeio” do pesquisador por algumas tramas em cidades do Rio de Janeiro, o que garantiu ao texto uma natureza dual, ou melhor, a elaboração de dois registros de compreensão complementares. Um de natureza mais imediata e cotidiana e outro de reconsideração do imediato através de uma reflexão conceitual. Acerca do problema levantado por Bauman (2005) e citado anteriormente, pode-se encontrar na reflexão de Agamben (2005) um encaminhamento teórico que permite a visualização de uma “encruzilhada” entre a proposta foucaultiana e o projeto benjaminiano de compreensão do estatuto do tempo histórico e, nele, a apreensão do “presente” e, mesmo, do “instante”.

Agamben (2005) inspirou o trabalho de Bauman sobre a condição histórica dos refugiados e do “refugo humano” produzido nas sociedades contemporâneas, pois se dedicou em parte de sua obra ao estudo da “vida nua” ou das “vidas que não merecem ser vividas” (Agamben, 2002), estatuto ganho por grupos de homens e mulheres que são despidos de sua condição de “humanos”, tornando-se objeto de manipulação científica e política sem a mediação de valores éticos que garantiriam a relativização de seus estados de exceção. Um exemplo prático disso se expressa na experimentação com seres humanos feita em países pobres, o que garante a execução de pesquisas com medicamentos que serão posteriormente utilizados em países ricos. Além de ter cunhado a noção de “vida nua” e de ter considerado o “estado de exceção” como paradigma político para o gerenciamento de coletividades em países na contemporaneidade, Agamben (2005) dedicou-se à compreensão da degradação da experiência no mundo moderno e contemporâneo. Importante frisar que, para resolver distintos problemas emergentes em seu itinerário intelectual, Agamben recorreu ao pensamento de Michel Foucault sobre a instituição de poderes modernos sobre o corpo humano e ao pensamento de Walter Benjamin sobre a tradição historicista e a busca de uma acepção crítica de história no contexto sombrio do entre-guerras. Agamben (2005) cita uma parte da tradição ocidental de estudo do tempo para se voltar ao reconhecimento do tempo histórico da modernidade e da contemporaneidade. Curiosamente, sua discussão fornece importantes instrumentos para a compreensão do cultivo do prazer pessoal nas sociedades contemporâneas e, por decorrência, no bojo da experiência homossexual masculina.

Agamben (idem) re-apresenta as concepções distintas de tempo, desde a física aristotélica com a espacialização do tempo, passando pela “interiorização”

do tempo em Santo Agostinho, pela absolutização da História que subsume as existências individuais e promulga o sujeito da História como o Estado em Hegel, pela dialética marxista e a ausência de uma concepção de tempo que corresponda à sua concepção de história até alcançar duas abordagens contemporâneas que o autor considera fundamentais para o pensamento contemporâneo: a de Heidegger e a de Benjamin. Para os propósitos do presente trabalho, tornou-se necessário lembrar que a concepção de tempo em voga na modernidade – que alimenta as distintas formas de conhecimento histórico – está embebida da linearidade e da pontualidade previstas na consideração cristã acerca do homem e do mundo. A “raridade” ou a “ausência” de uma experiência efetiva de tempo são o efeito de uma concepção medíocre e industrial de temporalidade. De acordo com Agamben (2005):

A concepção do tempo da idade moderna é uma laicização do tempo cristão retilíneo e irreversível, dissociado, porém, de toda idéia de um fim e esvaziado de qualquer sentido que não seja o de um processo estruturado conforme o antes e o depois. Esta representação do tempo como homogêneo, retilíneo e vazio nasce da experiência do trabalho nas manufaturas e é sancionada pela mecânica moderna, a qual estabelece a prioridade do movimento retilíneo uniforme sobre o movimento circular. A experiência do tempo morto e subtraído à experiência, que caracteriza a vida nas grandes cidades modernas e nas fábricas, parece dar crédito à idéia de que o instante pontual em fuga seja o único tempo humano. (p. 117)

Ora, a necessidade de apoderar-se do “instante pontual em fuga” tem sido, permanentemente, cultivada nas concentrações humanas das grandes cidades, mesmo na contemporaneidade. A essa caracterização cotidiana e imediata, pode-se dar o estatuto de instrumento de compreensão da destinação dos projetos coletivos e pessoais na contemporaneidade. As próprias historiografias desenvolvidas em torno de diferentes objetos de problematização mantêm uma concepção vulgar de tempo, concedendo às existências individuais um caráter mecânico no que diz respeito ao que se realiza em termos macro-estruturais. De acordo com o que foi visto anteriormente, a concepção benjaminiana de história é uma tentativa de resposta política e teórica à banalização do tempo. Dessa forma, justifica-se que poeticamente, mesmo sem ser poeta (Arendt, 2003), Walter Benjamin tenha se preocupado em instituir uma metafísica da impermanência, “citando” a sua própria época, recolhendo assim os apelos não cumpridos no curso da história teleológica do progresso tecnológico, imagem imediatamente herdeira do evolucionismo das ciências naturais ou mesmo da tentativa frustrada de

estabelecer uma outra forma de historicidade, através do projeto historicista do século XIX. A “outra” historicidade proposta por Benjamin é o reconhecimento de um instante que perpassa veloz, mas que na horizontalidade do texto, garante uma ocupação humana crítica e sensível do tempo. Daí, a necessidade de reconhecer o mundo como um texto e o texto, como um mundo (Seligmann-Silva, 1999).

Agamben (2005) reconhece no projeto benjaminiano uma tentativa forte de compreensão do tempo histórico, sem submeter-se à tradição espacializante ou mesmo evolucionista de narração dos eventos. Antes de citar Benjamin, Agamben (idem) recupera o esforço antigo expresso no pensamento estóico de instituição de uma temporalidade baseada na noção de cuidado e de prazer, que não seriam destituídos de seu valor diante da magnitude de um tempo que passa:

O tempo homogêneo, infinito e quantificado, que divide o presente em instantes inextensos, é, para os Estóicos, o tempo irreal, cuja experiência exemplar se encontra na expectativa e no diferimento. A subserviência a este tempo inapreensível constitui a enfermidade fundamental que, com o seu adiamento infinito, impede a existência humana de possuir a si mesma como algo único e completo (...). Defronte a ela o estóico coloca a experiência liberadora de um tempo que não é algo de objetivo e subtraído ao nosso controle, mas brota da ação e da decisão do homem. O seu modelo é o *cairós*, a coincidência brusca e improvisa na qual a decisão colhe a ocasião e realiza no átimo a própria vida. (pp. 123-124)

Ao citar, assim, um modelo apartado da concepção dominante de tempo na modernidade, o autor iniciou sua aproximação ao pensamento benjaminiano, que seria um exemplo importante de politização do tempo e de compreensão sensível da história, no recolhimento atento do que se passa imediatamente. Uma “cairologia” é instituída, de acordo com Agamben, nos momentos em que se interrompe a cronologia da produção e dos calendários.

Foi possível apropriar-se dessa reflexão e considerar que, apesar da mortificação do tempo em voga nas sociedades contemporâneas, da contínua produção de excedentes humanos em relação às necessidades do sistema de produção, coletividades humanas criam oportunidades singulares de ocupação dos espaços, de interrupção da linearidade vulgar e de construção de modos de existência que se responsabilizam pelos seus “contornos” e pelos seus “parceiros”, sem deixar de revelar, implicitamente, os sinais do próprio tempo histórico em que se tornaram possíveis.

De acordo com Agamben (2005), o “verdadeiro materialista histórico” garante o reconhecimento dos momentos revolucionários em que se inaugura uma concepção qualitativa de tempo, abordada pelo prazer que suspende (*epoché*) a subtração dos instantes do homem, garantindo a apresentação filosófica do “agora” como imagem que interrompe a extensividade frenética do progresso tecnológico. Bem, tal empreitada filosófica não pode – e nem deve – ser encerrada num texto ou numa investigação singular. No entanto, a inspiração do texto do autor pôde auxiliar na compreensão das imagens sugeridas no capítulo anterior.

A experiência homossexual masculina está, inapelavelmente, marcada pelas características das sociedades contemporâneas. As cidades estão marcadas pelos expurgos do progresso tecnológico e os espaços públicos são presa fácil do discurso racionalizante e estereotipado acerca das violências cotidianas. Relacionar-se com uma pessoa do mesmo sexo nas sociedades contemporâneas expressa a opção pessoal por uma forma de prazer e de sociabilidade que parecem corresponder a outras formas de construção de si mesmo “disponíveis” no mercado de sensações e afetos contemporâneo. No entanto, se uma música ajuda na composição de um ritual, se uma rua é ocupada por rapazes e moças indiferentes à regulação policlesca, se uma urgência é atendida na obscuridade de um espaço interior a uma boate, se uma cena de novela é submetida ao escárnio e à insatisfação de um grupo grande de pessoas anônimas durante um show cômico numa boate, pode-se considerar que a “homossexualidade masculina” não seja apenas uma caracterização personológica dos indivíduos, mas uma oportunidade singular de invenção de afetos e de linguagens não totalmente apreensíveis pela lógica (ou ilogicidade) do mercado que homogeneiza as vontades e despolitiza a existência humana.

As imagens sugeridas anteriormente no texto podem ser consideradas pequenos fragmentos de ruas que gostariam de permitir uma paralisação do fluxo supostamente espontâneo do tempo nas cidades. Que vozes ecoam em sua estrutura? A televisão e seus diferentes personagens caricaturais criados em relação à homossexualidade masculina, os apelos do corpo e da transitoriedade da juventude, o caos econômico que mortifica as existências humanas, o medo de espaços públicos criminalizados, a arrogância do dinheiro e do padrão de beleza impostos pelo consumismo contemporâneo, a urgência do prazer e os riscos da

sexualidade nômade, a crise dos paradigmas identitários sobre as práticas sexuais periféricas e a emergência de um novo protagonismo nos nichos de sociabilidade entre homens, a melancolia das grandes cidades traduzida numa música ou num olhar, a alegria frenética de uma melodia que não sai da cabeça do *flanêur* e a intempestividade de uma noite em que não se sabe o que pode acontecer.

Ora, há muitos relatos em que se mostra a homossexualidade masculina submetida ao tempo histórico; discursos historicizantes que indicam sua proveniência, discursos médico-psicológicos que indicam sua suposta origem biográfica, discursos mercadológicos que indicam sua transitoriedade como resposta aos apelos do consumismo, discursos acadêmicos que se apropriam de sua polissemia e narram sua suposta substância, discursos que indicam sua alteridade em relação ao que está estabelecido e discursos dos próprios indivíduos dispersos nas entrevistas, nas estatísticas e no torvelinho de sons e de imagens espalhados pelo corpo da cidade.

Uma imagem no corpo de um texto quer recuperar a imediatez das experiências. Através de uma imagem, evocar o instante subsumido na narrativa teórica do tempo presente. Mas o instante reconstruído numa imagem pode interromper o fluxo contínuo e retilíneo e evocar a necessidade de uma nova responsabilidade sobre aquilo que os homens têm se tornado ao relacionarem-se com outros homens. Eles não expressam apenas aquilo que são, de forma essencial e fundamental. Eles mostram, através de seus gestos e de seus perfumes, de suas palavras e de sua presença na cidade, um pouco do mundo em que se transita. Aquilo que é paisagem para quem passa de carro pode ser abrigo para uma prática entre homens. O banheiro sujo e banal de um shopping center torna-se um nicho para a elaboração de homo-afetividades. A música incompreendida, em sua melodia, dialoga com o instante. O mesmo instante que é celebrado pelas forças produtivas do excludente mundo contemporâneo é restituído de seu sentido coletivo e histórico, tornando-se “agora”.

A pretensão do texto foi considerar em sua “agoricidade” o que acontece nas cidades invisíveis enquanto os “outros” dormem ou realizam suas atividades comuns. Essas cidades invisíveis foram transitoriamente percebidas pelo *flanêur* e podem servir como documentos frágeis de formas singulares de suspender o jugo do tempo atual.

As imagens sugeridas anteriormente constituíram-se como oportunidade de interlocução com os próprios conceitos do campo da psicologia, por permitirem um reconhecimento do caráter não totalmente privatizado da subjetividade. No que diz respeito à experiência homossexual, a formação dos sujeitos envolvidos em suas diferentes práticas não se encerra da “obscuridade” de dramas pessoais.

A interrogação psicológica sobre a experiência necessitou do amparo de reflexões filosóficas e históricas, no intuito de não dissolver a integridade do objeto de investigação. O olhar do psicólogo não deve assemelhar-se ao “olhar de toupeira” do cientista criticado pelo vigoroso pensamento de Nietzsche. A intensidade dos instantes de uma experiência homossexual denota a implicação da história com a vida, sem apartar-se da possibilidade de uma interpretação psicológica, pois a mesma acata a historicidade dos seus objetos e lança-se a uma compreensão efetiva das subjetividades.

As subjetividades empreendidas no espaço-tempo comum aos diferentes homens que se envolvem com homens foram compreendidas como elementos dialógicos em relação aos objetos, às paisagens, ao contexto histórico em que transcorrem as existências individuais. Dessa forma, uma importante aposta da presente pesquisa foi a descentralização das subjetividades homossexuais, pois houve uma recorrência à exterioridade do mundo na composição dos sujeitos das práticas. Identidades sexuais, portanto, não devem ser consideradas de forma essencialista, de acordo com o ponto de vista adotado na pesquisa em questão.

Assim, na transitoriedade de um passeio pelas cidades citadas do Rio de Janeiro, o flâneur viu e reviu a efetividade de algumas práticas entre homens que gostam de homens. O seu próprio tempo biográfico imiscuiu-se em sua percepção, tendendo a alcançar a “naturalidade” de uma paisagem urbana contemporânea. No entanto, ao rever o que se tinha percebido, ficou a perplexidade diante das imagens propostas:

1. Um conjunto de músicas que refletem uma das temporalidades do presente. E na descrição ou lembrança de uma noite no interior de uma boate, a saudade força a passagem e espreita a elaboração teórica. Sobrevive-se a um amor perdido – como ensinou uma das canções escutadas numa boate – mas a sua lembrança reflete-se no silêncio abandonado de uma antiga danceteria em Niterói. A rispidez das músicas evoca a permeabilidade entre os espaços comerciais na cidade. Ontem,

uma danceteria, os risos e as promessas de encontros entre homens. Hoje, uma porta fechada ou uma lanchonete comum. A cidade muda vertiginosamente, motivando empresários e homens “gays” a buscarem outros espaços. Nada melhor que o ritmo “dance”, “trance”, “techno”, “psycotrance”, “funk” e outros sons eletrônicos para marcar com vigorosidade os locais em que os homens encontraram-se. Mas e a saudade? Não se pode apropriar-se definitivamente do conteúdo do que se “perdeu” no tempo da existência individual, o que só diluiria a experiência da saudade, como é apontado por Walter Benjamin. Perder-se nas cidades garantiu a elaboração de uma topografia das práticas entre homens, o que reforçou a politização da saudade, pois as músicas que não se escutam mais, os corpos que já envelheceram são como a poeira que se deita sobre os móveis de cômodos que são revisitados em lembranças ou em sonhos. O flâneur quis compreender a poeira assentada sobre o “visto” e a novidade recente das sociabilidades empreendidas entre homens “gays”. As gerações não se anulam, acabando por re-compor quadros vivos de relacionamento entre sujeitos distintos, o que foi sugerido na relativa permeabilidade entre as boates “gays”, nas noites em que se suspendia a segmentação de públicos de lugares para “gays”;

2. Um instigante diálogo com o risco, traduzido na exposição de indivíduos em lugares sociais considerados perigosos ou na participação coletiva em práticas sexuais sem proteção. Talvez os discursos hegemônicos em torno da “saúde” não tenham conseguido aproximar-se da efetividade de práticas transitórias e cotidianas que se potencializam no confronto com o que é considerado perigoso. Se a noção de “saúde” for considerada em seu sentido etimológico, vê-se que ela se refere exatamente à conservação da vida. Mas que vida é conservada? A vida para a produção e o alheamento do sujeito em relação a si mesmo? E a vida dos homens comuns, fartos das tecnologias contemporâneas que desresponsabilizam a sociedade civil pelas suas escolhas? Uma possível forma minoritária de “saúde” articula-se nos interstícios das cidades e, talvez, sua aparente inescrutabilidade seja uma resposta ao contexto de medicalização das existências no mundo contemporâneo. Como na ocasião de um jogo de azar, alguns indivíduos

embaralham as referências médicas que são divulgadas cotidianamente, devendo ser compreendidos de forma não moralista ou ingênua;

3. Uma fisionomia contemporânea das relações entre homens. O que não aparece em estatísticas oficiais, em documentos hegemônicos ou em imagens higienizadas da televisão persiste no corpo da cidade. Esse tipo de material persistente assemelha-se a um objeto de difícil tratamento investigativo, o que encaminhou a pesquisa a seu diálogo já amplamente discutido com a obra de Walter Benjamin. O historiador do presente pode não trabalhar apenas com documentos escritos, com textos canônicos e metodologias usuais de investigação, mas também confundir-se com o que é imediato em sua “flanerie” pela cidade, de forma a compreender o que se passa em sua própria época. O que se viu na presente pesquisa foram “flashes” de encontros, de corpos e de palavras. Tudo o que se passou no corpo do texto é “passado”, mas sua persistência na cidade e na memória do flâneur foi a garantia de sua legitimidade como documento de uma determinada época. A fisionomia dos homens que se relacionam com homens muda, como muda a própria cidade. Compreender seus contornos foi uma forma de preservá-la do esquecimento, pois há uma dúvida fundamental quanto ao comportamento cotidiano de homens que se relacionam com homens: torna-se o que se é a partir da relação com os outros e com a materialidade do mundo ou já se nasce sendo “gay”? A resposta do presente trabalho foi a de que a formação dos sujeitos das práticas entre homens não é uma expressão de uma natureza psicológica inapelável, mas de uma constituição artesanal inacabada, em que as gerações implicam-se, em que as mídias surgem como interlocutoras e em que a cidade abriga o “tônus” de uma elaboração de si mesmo. Contra o autoritarismo das mídias, os próprios sujeitos homossexuais respondem como relativos autores de si mesmos. O flâneur recolheu uma imagem que abriga um diálogo dessa natureza ao assistir a um show numa boate em que se tematizava o “beijo gay” numa novela da noite da Rede Globo de Televisão. Frustrados pelo não acontecimento do beijo prometido nos dias anteriores em jornais e revistas, os frequentadores da boate riam e divertiam-se com o deboche do apresentador do show. E beijaram-se bastante, na pista de dança, no quarto escuro, nos espaços da boate,

trocando algumas vezes de parceiros. O mundo interpela, provoca e sugestiona tipos de comportamentos, ajudando a compor a fisionomia atual dos homens que se relacionam com homens. Daí, seu aspecto “mundano”, ou seja, seu aspecto de inacabamento e de efetividade. Não se sabe o que pode decorrer desse caráter eminentemente dialógico da relação entre as práticas sexuais entre homens e o contexto histórico-social em que elas se constituem. A pesquisa atual defendeu que, apesar de sua transitoriedade histórica, é possível preservar o que acontece entre homens no corpo da cidade da degradação do tempo, de forma a poder reconsiderá-lo heurísticamente;

4. A alegria e a melancolia na cidade foram duas bases de sustentação da percepção do flâneur. Alegria do encontro, alegria da festa e alegria do ritual nos quartos escuros. Melancolia do cansaço, do sono que se seguia à noite compartilhada, da luz morna da manhã que se iniciava. Os “gays” não são tristes ou alegres. A experiência homossexual constitui-se no trânsito entre diferentes afetos, não permitindo ser capturada de forma definitiva. Mesmo a violência era discutida com um ar divertido pelos transformistas que faziam shows em boates. Muitas vezes, era o próprio flâneur que se debruçava sobre o que via de forma melancólica, pois se dava conta da raridade do que percebia. Daí, o caráter ensaístico do texto presente;
5. Homossexualidade, gay, entendido, “homens que gostam de homens”, bissexuais são palavras. E palavras não podem encerrar o sentido que as práticas assumem na temporalidade frenética do mundo contemporâneo. São palavras, no entanto, que são incorporadas pelas práticas, que lhes renovam o sentido, superando o que havia sido imaginado inicialmente quando se enunciou uma palavra sobre uma prática. Palavras e práticas implicam-se, impedindo o flâneur de usar uma só expressão sobre o que viu. Só o que não se deveria fazer seria o esquecimento da prática a fim de enunciar uma palavra definitiva. Elas são mutáveis, como são as posições que alguns homens assumem em suas relações sexuais.

Após a revisão das imagens mais sugestivas propostas anteriormente, é chegada a hora de se despedir do trabalho que foi realizado gradativamente, acompanhando as modificações sofridas pela própria percepção do observador

acerca do objeto de investigação. A problemática da experiência homossexual masculina contemporânea deve ser considerada a partir de uma série de fatores que não foram encerrados no presente trabalho. Agora, ficam as imagens que sugerem a naturalidade e a efetividade de uma experiência. Dialogar com a cidade através de deambulações que se deram em diferentes momentos foi o principal combustível para a composição do presente texto, que anuncia a necessidade de futuras interpelações do desejo entre homens considerado em sua materialidade, em sua visibilidade e em seu contínuo confronto com a sua própria época. Defendeu-se uma espécie de visibilidade sensível da experiência homossexual masculina, para que a mesma não se dissolva em discursos falsamente tolerantes ou burocraticamente historicizantes. Compreender historicamente uma experiência significa, também, “ver” o quanto de intensidade ela configura ao suspender o jugo do tempo atual, crispado de valores e de compromissos que têm deixado pouco espaço para a criação e para a elaboração de formas singulares de subjetividade. Provisoriamente, o *flanêur* abandona o objeto que investigou durante os últimos quatro anos e encaminha-se, anonimamente, ao burburinho da cidade em que deambula cotidianamente, esquecendo-se de manter-se atento ao que se passa, para que em outra oportunidade possa lembrar-se e, quem sabe, aventurar-se a compreender outros aspectos do mundo contemporâneo na estrutura labiríntica de futuros textos, fragmentos sensíveis de um mundo que passa.